conversas em
PSICOLOGIA
ISSN 2764-5053

*Recebido em:19/04/2026*
*Publicado em: 17/11/2026*
*DOI: https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v7n2.e005*

# O ÓDIO COMO SINTOMA: INCELS E O ADOECIMENTO DA MASCULINIDADE

**Gabriel Araújo Pereira Junior**[1] Orcid: https://orcid.org/0009-0007-4671-2301
**Giovanna Regina Capelassi**[2] Orcid: https://orcid.org/0009-0008-9359-9839
**José Roberto Oliveira Santos**[3] Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0555-8535

**RESUMO.** O presente artigo propõe uma análise crítica do fenômeno *incel*, compreendendo-o enquanto uma expressão sintomática do adoecimento das masculinidades na contemporaneidade. Inserido no ecossistema digital da manosfera, o discurso *incel* articula sentimentos de frustração, ressentimento e misoginia como respostas simbólicas às transformações sociais que tensionam e desestabilizam os modelos tradicionais de gênero. A partir de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e natureza teórico-crítica, mobilizam-se contribuições fundamentais dos estudos sobre masculinidades, com destaque para o conceito de masculinidade hegemônica (Connell), bem como o aparato conceitual da perspectiva construtivista estrutural de Pierre Bourdieu, especialmente as noções de campo, capital e habitus. Busca-se investigar como a privação de capitais simbólicos é ressignificada dentro dessas comunidades virtuais. Argumenta-se que a adesão ao discurso *incel* não deve ser compreendida como um mero desvio individual ou patologia isolada, mas como um sintoma social complexo que emerge da incompatibilidade estrutural entre o ideal

[1] Acadêmico de Psicologia do Centro Universitário Ingá – Uningá. E-mail: gabrielaraujopereirajunior@gmail.com
[2] Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Ingá – Uningá. E-mail: giovannacapelassi1509@gmail.com
[3] Docente de Psicologia do Centro Universitário Ingá – Uningá. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: prof.josesantos@uninga.edu.br

normativo de masculinidade e as condições concretas de existência vividas por determinados homens, sobretudo jovens.

**Palavras-chave**: Masculinidade; Incel; Manosfera.

## HATRED AS A SYMPTOM: INCELS AND THE SICKNESS OF MASCULINITY

**ABSTRACT.** This article proposes a critical analysis of the incel phenomenon, understanding it as a symptomatic expression of the sickness of masculinities in contemporary times. Embedded within the digital ecosystem of the manosphere, incel discourse articulates feelings of frustration, resentment, and misogyny as symbolic responses to social transformations that strain and destabilize traditional gender models. Drawing from a theoretical and narrative literature review, fundamental contributions from masculinity studies are mobilized, highlighting the concept of hegemonic masculinity (Connell), as well as the conceptual apparatus of Pierre Bourdieu's structural constructivist perspective, especially the notions of field, capital, and habitus. The study seeks to investigate how the deprivation of symbolic capital is reframed within these virtual communities. It is argued that adherence to incel discourse should not be understood as a mere individual deviation or isolated pathology, but as a complex social symptom emerging from the structural incompatibility between the normative ideal of masculinity and the concrete conditions of existence experienced by certain men, especially the youth.

**Keywords**: Masculinity; Incel; Manosphere.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, com a ascensão da internet, novos espaços de socialização masculina foram se consolidando em fóruns, redes e plataformas *online*. Entre eles, destaca-se a manosfera ou machosfera, termo usado para se referir a um conjunto de

comunidades virtuais formadas por homens que compartilham discursos voltados à masculinidade, muitas vezes organizados em torno de narrativas antifeministas e misóginas (Ging, 2019). Esses discursos circulam em vários ambientes virtuais como o 4chan, Reddit, canais do Youtube, servidores do Discord, grupos no Telegram e perfis no X, que funcionam como espaços de produção e disseminação dessas ideologias.

Organizada em subgrupos como os *red pillers*, MGTOW (*Men Going Their Own Way*), PUAs (*Pick-Up Artists*) e os *incels*, dentro da chamada manosfera, observa-se que as insatisfações e a ânsia por dominação se transformam em histórias de identidade coletiva, quase sempre construídas para impulsionar os discursos de ódio. Entre esses grupos, os *incels*, sigla para *involuntary celibates* ou celibatários involuntários, merecem destaque. Geralmente compostos por homens jovens que compartilham relatos de desafios para criar laços afetivos e sexuais com mulheres, esses indivíduos convertem suas frustrações em um sistema conjunto de se sentirem injustiçados, onde a "falha" nos relacionamentos atribui-se às mulheres e às atuais transformações sociais.

Um dos pilares da ideologia *incel* é a crença de que a sociedade estaria estruturada a partir de uma hierarquia baseada na aparência física, a qual determinaria, em grande medida, as dinâmicas sociais e sexuais, nas quais apenas homens com determinadas características físicas ou econômicas seriam desejados, enquanto os demais estariam condenados ao isolamento (Sparks; Zidenberg; Olver, 2022). Como aponta Ging (2019), essa visão estimula a autodepreciação, como também, a repulsão ao feminino, fomentando a misoginia.

A crescente visibilidade desse fenômeno provoca a necessidade de questionar quais fatores subjetivos, sociais e culturais contribuem para a formação do sujeito *incel*, bem como de compreender de que modo os discursos de masculinidade presentes na manosfera impactam a saúde mental e as relações de gênero entre pessoas do sexo masculino.

Nesse contexto, as observações de Zanello (2020) são importantes ao demonstrarem que os modelos de masculinidade atuais no Brasil exibem traços de adoecimento que vão além do plano pessoal, revelando-se tanto em dados sociais evidentes, a exemplo da violência, quanto em aspectos psicológicos, como as altas taxas de suicídio entre os homens.

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2026), o país registrou 1.571 vítimas de feminicídio em 2025. Desses casos, 96,4% dos crimes foram cometidos por homens. Conforme aponta o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2024), foram contabilizados 15.507 suicídios no país em 2021. Desses registros, 77,8% corresponderam ao sexo masculino, o que equivale a 12.072 homens. Além disso, em 2025, o Brasil registrou 40.775 mortes violentas intencionais. Nas ocorrências em que as vítimas são homens, em 91,1% dos casos a autoria é masculina, demonstrando que matar, no país, é uma prática exercida majoritariamente por homens (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026).

Diante desse cenário, interessa compreender o modo como discursos normativos sobre masculinidade, ao circular pelas redes, moldam a subjetividade e as expectativas em relação ao que é ser homem. Ao mesmo tempo em que a machosfera oferece pertencimento e um espaço de reconhecimento, as comunidades masculinistas frequentemente reforçam padrões de virilidade e hostilidade de uma masculinidade hegemônica. Essa contradição aponta a relevância científica e social de estudar o fenômeno *incel* em sua complexidade, situando-o entre subjetividade e identidade masculina.

Para sustentar essa análise, utilizaremos a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, por meio dos conceitos de campo, habitus e capital simbólico, compreendidos como ferramentas importantes para pensar a produção social das masculinidades, porque funcionam de forma articulada para explicar como as estruturas sociais externas se transformam em experiências subjetivas e corporais, dos quais: o habitus refere-se às disposições mentais e corporais incorporadas na socialização que guiam as atitudes de forma pré-reflexiva; o campo é o espaço social estruturado onde os agentes disputam posições e recursos; e o capital simbólico representa a validação e o reconhecimento social desses recursos na forma de prestígio e autoridade (Bourdieu, 2026).

Desse modo, a perspectiva bourdieusiana nos permite analisar o fenômeno *incel* como um possível desajuste estrutural entre disposições incorporadas ao longo da socialização masculina e as transformações contemporâneas do campo das relações de gênero. Esses conceitos atravessam o texto e serão aprofundados especialmente nas

seções dedicadas à análise das masculinidades na contemporaneidade e à leitura do fenômeno *incel* à luz da teoria bourdieusiana.

Diante do exposto, o presente estudo propõe, por meio de uma revisão narrativa da literatura, analisar os aspectos que contribuem para o surgimento do fenômeno *incel*, relacionando-o às construções de masculinidade e aos impactos sobre a saúde mental do sexo masculino. Para isso, busca-se compreender os principais conceitos teóricos relacionados à masculinidade, investigar como o fenômeno *incel* se articula a discursos de ódio na cultura digital e refletir sobre suas repercussões para a saúde mental, a formação identitária e as relações de gênero.

Partindo da premissa de Badinter (1993, p. 28) de que "o homem não nasce homem, ele se torna homem", para esse estudo, adotamos a concepção de que, de acordo com Butler (2018), a identidade de gênero se constitui a partir do acúmulo histórico e cultural de significados repassados ao sujeito, os quais são reproduzidos por meio de práticas imitativas.

## MATERIAIS E MÉTODO

O artigo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e natureza teórico-crítica, desenvolvida a partir de uma revisão narrativa da literatura que, de acordo com Rother (2007), caracteriza-se por uma abordagem ampla, sendo o formato ideal para a análise teórica e a discussão do estado da arte de temas específicos sob uma perspectiva contextual. Assim, esse delineamento foi escolhido por possibilitar uma análise interpretativa do fenômeno *incel* enquanto expressão psicossocial das masculinidades contemporâneas, articulando contribuições da psicologia social, dos estudos de gênero e da sociologia.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio das bases Google Scholar e SciELO, contemplando artigos científicos, teses, dissertações, livros e capítulos de livros nacionais e internacionais. Foram utilizados descritores como “incel, manosphere, masculinidades, masculinidade hegemônica, crise das masculinidades, misoginia online e saúde mental masculina”, em português e inglês. A seleção das obras considerou a relevância teórica e a afinidade com os objetivos do estudo, sem recorte temporal rígido.

A análise do material ocorreu de forma crítica e interpretativa, orientada principalmente pelos conceitos de campo, habitus e capital, derivados da teoria de Pierre Bourdieu, utilizados como ferramentas analíticas para compreender as relações entre subjetividade masculina, estruturas de poder e sofrimento psíquico no contexto da manosfera. Por se tratar de um estudo teórico, não houve participação de sujeitos, dispensando apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as normativas vigentes.

## A MANOSFERA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO MASCULINA

Mais do que um simples conjunto de fóruns *online*, a manosfera deve ser compreendida como um espaço de socialização masculina no qual determinados modelos de gênero são validados e reproduzidos. A socialização, conforme apontam Berger e Luckmann (1985), corresponde ao processo por meio do qual os indivíduos internalizam normas e significados socialmente construídos, incorporando também expectativas culturais sobre o que significa “ser homem” ou “ser mulher”. Ging (2019) destaca que a manosfera funciona como um ecossistema ideológico, capaz de oferecer pertencimento a homens que se percebem em posição de fragilidade diante das transformações sociais, mas que, ao mesmo tempo, reforça ideias misóginas. Nesse contexto, o masculino é articulado em torno da raiva e desconfiança em relação às mulheres e do conflito contra os avanços das pautas de equidade de gênero.

De acordo com Bourdieu (2026), a virilidade é uma construção relacional que deve ser validada pelo olhar de outros homens, funcionando como um tribunal, que exige do indivíduo a demonstração constante de sua força e o distanciamento de tudo o que é considerado feminino. Assim, a adesão a grupos que reforçam uma possível masculinidade, pode ser vista como um esforço desesperado para estar à altura de uma ideia de homem que é, no fundo, uma carga e uma obrigação de desempenho

Os diferentes subgrupos que compõem a manosfera partilham esse núcleo comum, mas se diferenciam quanto às suas ênfases e estratégias discursivas. Os *red pillers* se apoiam na metáfora da “pílula vermelha” do filme Matrix (1999), utilizada para simbolizar um suposto despertar para a verdade de que os homens estariam sendo

enganados por uma sociedade dominada pelo feminismo. Nessa lógica, as mulheres são frequentemente descritas como hipergâmicas e manipuladoras, o que legitima a vigilância e o controle sobre o feminino (Gill, 2016; Ging, 2019). Os MGTOW, por sua vez, defendem que os homens se afastem das mulheres e dos relacionamentos afetivos como forma de preservar a autonomia, constituindo uma ideologia de separação. Já os PUAs concentram-se na criação de técnicas de sedução baseadas em manipulação e no entendimento das relações afetivo-sexuais como um jogo competitivo. Por fim, os *incels* organizam-se em torno da experiência de exclusão sexual e frustração pessoal (Sparks; Zidenberg; Olver, 2022).

A propagação desse tipo de conteúdo não se restringe a uma única plataforma, pelo contrário, espalha-se por diversos ambientes *online*. Como apontam Marwick e Lewis (2017), esse fluxo digital amplia o alcance da manosfera e cria redes de troca de conteúdos, favorecendo a rápida disseminação de ideologias de ódio, sobretudo entre adolescentes e jovens adultos em busca de pertencimento. A sociabilidade construída nesses espaços compartilha experiências de frustração e as organiza em explicações coletivas que identificam no feminino a fonte das suas dificuldades.

## MASCULINIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

Há um plano de fundo mais amplo por trás das comunidades que compõem a manosfera: as formas como a masculinidade é culturalmente definida. É nesse espaço que se organizam as expectativas e frustrações que dão sentido à aflição expressa pelos *incels*. Afinal, os discursos que atravessam a machosfera e se materializam no fenômeno não surgem de forma isolada, pois se apoiam em modelos de gênero historicamente construídos e socialmente legitimados.

A partir do final do século XX, a discussão sobre a "crise das masculinidades" estabelece-se na literatura a partir de obras fundamentais como *Masculinities*, de Connell (1995), *XY: Sobre a identidade masculina*, de Badinter (1993), e *Manhood in America*, de Kimmel (1996). A expressão expõe as contradições da masculinidade diante das transformações sociais. O avanço das pautas feministas e o questionamento das

hierarquias de gênero desestabilizaram modelos tradicionais de poder antes atribuídos aos homens.

Como observa Silva (2000), a masculinidade moderna foi historicamente construída a partir da oposição ao feminino, associando o ser homem a atributos de força, coragem, agilidade, heroísmo, racionalidade e controle. Esse ideal surge de processos sociais que buscaram legitimar hierarquias e diferenças entre os sexos, sustentando uma ordem simbólica centrada na dominação. Bourdieu (2026) argumenta que a dominação masculina é fruto de um trabalho coletivo de "biologização do social", no qual estruturas históricas de poder são inscritas nos corpos e nas mentes como se fossem dados da natureza.

Nesse processo, existe uma aprendizagem afetiva profunda que atravessa a socialização dos meninos. Como destaca Zanello (2020, p. 81), “há uma verdadeira pedagogia afetiva que ensina aos meninos que, para ser homem, há que se repudiar as mulheres e as características femininas”, indicando que a construção da masculinidade implica também a negação de certos afetos e modos de existir. Assim, a crise contemporânea das masculinidades pode ser entendida como a intensificação de tensões que atravessam a experiência masculina desde a modernidade.

Nessa direção, Kimmel (2013) argumenta que o ressentimento masculino contemporâneo emerge de uma sensação de direito negado (*aggrieved entitlement*), uma crença de que benefícios historicamente garantidos aos homens como prestígio, dominação, autoridade e acesso sexual foram injustamente retirados por avanços feministas e por minorias. Esse sentimento é estruturalmente produzido pelo embate entre expectativas de dominância incorporadas ao longo da socialização e uma ordem social que já não as sustenta. Para o autor, é precisamente nesse descompasso que florescem movimentos regressivos de afirmação masculina.

O conceito de masculinidade hegemônica, formulado por Connell (1995), mostra-se fundamental para compreender a questão. A masculinidade não pode ser definida como uma essência única ou imutável, mas um conjunto de práticas sociais, culturais e históricas que se articulam de diferentes maneiras ao longo do tempo e dos contextos. Connell propõe o conceito para explicar o modelo dominante de ser homem, sustentado por relações de poder que privilegiam certas formas de masculinidade em detrimento de

outras. No entanto, a própria autora destaca a existência de múltiplas masculinidades que coexistem em tensão, evidenciando que não há apenas uma forma de ser homem.

A ideia de masculinidade hegemônica refere-se, portanto, ao padrão cultural que estabelece quais atributos são valorizados como legítimos para os homens: virilidade, agressividade, força física, sucesso sexual, autonomia econômica, racionalidade e domínio sobre mulheres e outros homens. Esse modelo funciona como uma referência simbólica e como norma que sustenta hierarquias de gênero e de poder (Connell; Messerschmidt, 2005). Importante destacar que tal construção se apoia, historicamente, na desvalorização do feminino, entendido como frágil, emocional ou submisso, características que, quando atribuídas aos homens, tornam-se marcas de inferioridade.

Em continuidade a essa estrutura hierárquica, a formulação de Connell e Messerschmidt (2005) concebe a hegemonia a partir de sua coexistência com diferentes formas de ser homem. Com isso, a ideia de masculinidades múltiplas permite abarcar como as identidades masculinas se concretizam de formas distintas a depender da classe social, da raça, da sexualidade e do contexto cultural. Assim, masculinidades subordinadas (associadas a orientações sexuais dissidentes), marginalizadas (como as relacionadas a grupos racializados) ou cúmplices (que não desafiam a hegemonia, mas dela se beneficiam) revelam um campo de diversidade e tensão em que as identidades masculinas são continuamente construídas.

Os modelos hegemônicos de masculinidade, ainda que inatingíveis para a maioria, funcionam como parâmetro regulador, produzindo hierarquias entre homens e definindo quem ocupa posições de prestígio ou de desvalorização no campo das masculinidades. Quando a experiência subjetiva não corresponde a esse ideal, seja por limitações materiais, estéticas, sociais ou relacionais, surge uma sensação de inadequação, pois, como afirma Badinter (1993, p. 136), "cedo ou tarde, a maioria dos homens compreende que está às voltas com um tipo masculino que não consegue concretizar".

Na contemporaneidade, o fenômeno *incel* exemplifica esse processo. Trata-se, em grande parte, de jovens que se percebem fora do padrão da masculinidade hegemônica, sobretudo no que diz respeito ao desempenho sexual e à atratividade física. A experiência de inadequação, inicialmente vivida de modo individual, é compartilhada em comunidades *online*. Em vez de perceberem que as exigências sobre os homens são

construções sociais, as pessoas nesses grupos responsabilizam o avanço das mulheres pelas suas próprias dificuldades.

## INCEL: IDEOLOGIA, RESSENTIMENTO E MISOGINIA

O termo *incel*, abreviação de *involuntary celibate* (celibatário involuntário), surgiu na década de 1990 a partir de um projeto criado por uma mulher canadense identificada como Alana. A proposta inicial consistia em um fórum voltado a pessoas de diferentes gêneros que enfrentavam dificuldades em estabelecer relacionamentos afetivo-sexuais, configurando-se como um espaço de apoio e escuta. Entretanto, ao longo dos anos 2000, essa comunidade foi apropriada e reformulada por grupos de homens jovens e heterossexuais, adquirindo um caráter ideológico marcado pela misoginia. O termo passou, assim, a designar uma identidade coletiva estruturada pela oposição ao feminino.

Contudo, antes de avançar na análise ideológica, é necessário reconhecer que a categoria *incel* encobre uma heterogeneidade interna significativa. Pesquisas baseadas em análise de fóruns e plataformas digitais indicam que as comunidades *incel* abrigam perfis bastante distintos: desde homens jovens em sofrimento afetivo genuíno, que buscam nesses espaços alguma forma de reconhecimento e pertencimento, até indivíduos radicalizados que produzem e consomem conteúdo abertamente violento, celebrando ataques misóginos e seus perpetradores (Hoffman; Ware; Shapiro, 2020). Entre esses extremos, há uma maioria que oscila entre a identificação com a narrativa de vitimização e o engajamento passivo com os discursos de ódio, sem necessariamente endossar ou praticar violência (Sparks; Zidenberg; Olver, 2022).

Essa variação interna tem implicações diretas para a análise crítica. Do ponto de vista psicológico, tratar o fenômeno como bloco homogêneo impede a distinção entre sujeitos em sofrimento que poderiam se beneficiar de intervenções terapêuticas e indivíduos em processo de radicalização que demandam abordagens de prevenção à violência de natureza distinta (Jaki et al., 2019).

No interior das comunidades *incel*, o desconforto masculino é convertido em uma linguagem hierárquica e biologizante, em que as relações afetivas e sexuais são explicadas por uma suposta ordem natural do desejo. Esse discurso se organiza em torno do conceito

de *lookism*, entendido como a certeza de que a sociedade está estruturada segundo uma hierarquia baseada na aparência física, na qual o valor e a possibilidade de sucesso social e sexual seriam determinados por características genéticas e estéticas (Sparks; Zidenberg; Olver, 2022).

É a partir dessa matriz que emergem as categorias “Chads” e “Stacys”, figuras arquetípicas que compõem o imaginário *incel*. Os Chads representam o ideal masculino máximo: homens fisicamente atraentes, carismáticos e sexualmente bem-sucedidos, vistos como aqueles que detêm poder absoluto sobre o desejo feminino. Já as Stacys correspondem às mulheres idealizadas como hipersexualizadas, supostamente superficiais e voltadas apenas à aparência e ao prazer (Ging, 2019). No extremo oposto, encontram-se os próprios *incels*, descritos como geneticamente desfavorecidos, socialmente invisíveis e emocionalmente rejeitados.

Ao lado do *lookism*, a noção de hipergamia atua como um dos principais pilares explicativos dessa ideologia. A hipergamia é concebida pelos *incels* como a tendência “natural” das mulheres de buscarem parceiros de maior *status* físico, social ou econômico, o que, segundo o grupo, explicaria o “fracasso” dos homens comuns ou *beta males* nas dinâmicas de atração (Sparks; Zidenberg; Olver, 2022). Tal noção reduz o desejo feminino à lógica da troca e reforça uma visão mercadológica das relações ao estabelecer hierarquias de valor.

Nesse contexto, o sistema simbólico da manosfera organiza os homens segundo uma escala de masculinidade. Os alfas seriam os dominantes, fortes, autoconfiantes e desejáveis; os betas, homens medianos e emocionalmente frustrados, condenados à invisibilidade; e os omegas, considerados irremediavelmente excluídos da competição sexual. Como observa Ging (2019), essa classificação cria um modelo de masculinidade baseado em exclusão e o valor do sujeito passa a ser medido por sua capacidade de exercer domínio e ser desejado. A organização dos homens em categorias como "alfas", "betas" ou "ômegas" fundamenta-se na aplicação de uma taxonomia social sobre a morfologia física. Para Bourdieu (2026), o corpo funciona como uma linguagem da identidade social, na qual propriedades como a musculatura ou a postura são lidas como sinais de controle viril, permitindo que a sociedade hierarquize os indivíduos conforme a sua proximidade

ou distância de um "corpo legítimo" ideal. Paradoxalmente, o *incel* se posiciona fora desse sistema, mas o reproduz discursivamente, reafirmando a mesma estrutura que o oprime.

É dentro dessa lógica que emerge a *blackpill*, ideologia central do movimento *incel*. Derivada da metáfora das “pílulas” da cultura digital, especialmente da *redpill* associada ao despertar para uma “verdade” antifeminista, a *blackpill* representa o ponto de não retorno. Ela pressupõe que o fracasso masculino é irreversível e biologicamente determinado, negando qualquer possibilidade de mudança. Para o sujeito *blackpilled*, a desigualdade sexual é natural, e o sofrimento é inevitável, produzindo uma forma de niilismo afetivo (Sparks; Zidenberg; Olver, 2022).

Conforme analisa Ging (2019), o fenômeno *incel* reflete uma masculinidade hegemônica frustrada cujo sentimento de vitimização passa a organizar a própria identidade do grupo. Embora a comunidade acolha o desamparo individual, ela exige a manutenção e o aprofundamento do ressentimento para sustentar o pertencimento. O sujeito, ao invés de buscar alternativas relacionais ou subjetivas, encontra pertencimento na própria exclusão, um processo que pode ser compreendido como a cristalização do sofrimento em ideologia.

A *blackpill*, portanto, estrutura a lógica da vitimização que caracteriza o discurso *incel*. Nela, o homem é reposicionado como oprimido, e as mulheres são apresentadas como agentes de um sistema de injustiça sexual, e a frustração é reinterpretada como sintoma de uma sociedade corrompida pelo feminismo.

Sob a perspectiva da Psicologia Social, o ódio presente na comunidade *incel* pode ser entendido como expressão de um mal-estar social. Esses homens são atravessados pela cobrança de corresponder aos padrões da masculinidade hegemônica, mas nem sempre conseguem atender a essas expectativas. Diante dessa distância entre o que se espera deles e o que vivenciam, surgem frustrações que, em vez de serem questionadas, acabam direcionadas às mulheres.

Jaki *et al.* (2019) corroboram a perspectiva do adoecimento das masculinidades ao demonstrarem, por meio de análise de dados em fóruns, que o ódio nessas comunidades é multidimensional, englobando tanto a agressividade externa e uma desumanização mútua e autodirigida pela lógica da *blackpill*. Essa dinâmica atinge seu ápice na violência letal, exemplificada pelo massacre de Isla Vista, no estado da

Califórnia nos Estados Unidos em 2014, quando Elliot Rodger, mártir do movimento *incel*, motivado pelo que denominou "Dia da Retribuição" fez uma série de ataques. Conforme reportado pela BBC (2014), o ataque iniciou-se com o esfaqueamento fatal de três colegas de quarto em seu apartamento, seguido por um tiroteio em frente a uma casa de irmandade universitária e em um mercado local, além de atropelamentos deliberados contra pedestres. O saldo trágico da ação foi de seis vítimas fatais e quatorze feridos, culminando no suicídio do perpetrador após um confronto com a polícia.

Em seu manifesto, intitulado *My Twisted World* (2014), Rodger detalha sua incapacidade de performar o ideal de dominância masculina, transmutando essa falha simbólica em um plano metódico que envolveu, como relatado anteriormente, esfaqueamentos, tiroteios e atropelamentos. Porém, o documento é aqui mobilizado não como evidência confirmatória da ideologia *incel*, mas como fonte primária que permite acessar, em sua própria linguagem, a articulação entre sofrimento subjetivo e lógica de dominação, reconhecendo, contudo, que se trata de uma narrativa autoproduzida, marcada pela perspectiva singular e distorcida de seu autor, e que deve ser lida com o distanciamento crítico que qualquer documento dessa natureza exige.

A complexidade desse tipo de violência mostra que compreender o fenômeno *incel* exige considerar os fatores sociais e culturais que atravessam a construção das masculinidades. Como observa Seidler (2006), a repressão afetiva e o imperativo da virilidade geram sujeitos emocionalmente desautorizados a sentir e assimilar a dor. A comunidade *incel* oferece uma explicação para o desconforto desses homens e um sentimento de pertencimento, embora sustentados por uma lógica destrutiva. Nela, a raiva pode se tornar uma forma de pertencimento.

Assim, o fenômeno revela o encontro entre masculinidades adoecidas e a tecnologia. A cultura digital espelha e intensifica a crise do masculino ao fornecer espaços onde o ódio é validado. O ódio, enquanto sintoma, pode indicar a tentativa de restaurar uma centralidade perdida, mas também denuncia o fracasso de um modelo de masculinidade que não permite a vulnerabilidade e se expressa a partir da violência.

## CAMPO, HABITUS E CAPITAL NA CONTEMPORANEIDADE

Para compreender o fenômeno a partir de uma perspectiva social, utilizaremos a abordagem construtivista estrutural de Pierre Bourdieu, fundamentada em uma dialética que prioriza o objetivismo da estrutura sem desconsiderar o subjetivismo dos agentes. A análise se baseará nas noções de campo, habitus e capital.

De acordo com Fernandes, Lucas e Sampaio (2017), o campo corresponde a um conjunto de relações objetivas e históricas entre posições ancoradas em diferentes formas de poder. O capital, desigualmente distribuído, manifesta-se em dimensões econômica, política, cultural e simbólica, permitindo acesso a lucros específicos e organizando relações de dominação, subordinação e homologia entre posições. O habitus, por sua vez, constitui um conjunto de disposições históricas incorporadas nos corpos individuais, resultantes da trajetória social de cada sujeito, como gênero, raça, escolaridade, faixa etária, experiência profissional e origem. São mecanismos estruturantes que organizam práticas, percepções e representações, configurando disposições duráveis e transponíveis.

Cada indivíduo possui um habitus que condiciona o acesso a determinados tipos de capital e, portanto, as posições que pode ocupar dentro de um campo social. Essas posições fornecem benefícios específicos derivados das relações de força existentes. Os agentes lutam conforme o lugar que ocupam, seja para transformar, seja para conservar a estrutura do campo. As relações sociais de dominação implicam na apropriação dos meios de produção e reprodução do capital, o que reforça desigualdades e estabiliza hierarquias.

Segundo Menzie (2022), o movimento da manosfera oferece aos participantes uma forma de poder ao estimular a subordinação de masculinidades heterogêneas e das feminilidades à masculinidade hegemônica, consolidando a dominação desta sobre as demais. A adesão a esse movimento possibilita acesso ao capital social e simbólico, na medida em que gera reconhecimento e prestígio dentro do grupo, e também ao capital político e cultural, ao facilitar a entrada e a atuação em movimentos que reforçam essa lógica de masculinidade.

Nesse sentido, a promessa de pertencimento da machosfera não subverte as hierarquias vigentes, uma vez que a distribuição interna de poder continua condicionada ao acúmulo de capitais inalcançáveis para sujeitos cujo habitus reflete uma inserção desfavorecida na estrutura social. A tentativa de compensar esse déficit de capital

sociossexual arrasta o indivíduo para dinâmicas altamente disfuncionais e adoecedoras (Menzie, 2022).

## A CRISE DA DOMINAÇÃO SIMBÓLICA

Em “A Dominação Masculina” (2026), Bourdieu argumenta que a masculinidade se estrutura como um habitus: um conjunto de esquemas perceptivos e disposicionais que orientam comportamentos, afetos e expectativas, naturalizando como evidentes modelos que são, na verdade, produtos históricos e culturais. Assim, uma leitura bourdieusiana das relações de gênero aprofunda a compreensão das tensões que atravessam as masculinidades na contemporaneidade ao evidenciar que os modos de ser homem derivam de disposições incorporadas ao longo da vida social.

Essa perspectiva ajuda a compreender como a chamada “crise das masculinidades” evidencia as contradições e tensões presentes no próprio modelo de masculinidade hegemônica. O que entra em crise não é o masculino em si, mas a estabilidade do habitus que orientava posições de poder antes garantidas, a dominação masculina. A transformação das relações de gênero, marcada pela autonomia feminina, pela crítica aos papeis tradicionais, desestabiliza um habitus construído para operar de forma invisível. Em termos bourdieusianos, trata-se de um momento de desajuste entre habitus e campo: aquilo que o habitus masculino pressupunha como estável já não encontra correspondência nas estruturas sociais contemporâneas. Esse desajuste estrutural é bem definido nas palavras de Bourdieu (2026, p. 145):

> A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista, que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar.

A dominação simbólica, conceito do autor, ajuda a compreender como as normas de masculinidade continuam operando mesmo quando explícitas. Ela designa formas de poder que se mantêm justamente porque são naturalizadas, ou seja, não se impõem pela

força física, mas por significados incorporados que parecem "o jeito certo" de ser, uma força simbólica. Isso parece explicar porque muitos homens, mesmo vivendo sofrimento psíquico ou relacional, continuam presos a expectativas que os ferem, como a exigência de controle emocional ou desempenho sexual. O poder dessas normas reside no fato de que os sujeitos as reproduzem sem percebê-las como imposições. Como aponta Bourdieu (2026, p. 69):

> A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.

A partir dessa lógica, o campo das relações de gênero aparece como um espaço de disputa por capitais simbólicos. Ser reconhecido como um "verdadeiro homem", forte, desejável, competente, racional, funciona como forma de capital que confere prestígio e legitimidade. No entanto, essa posição depende de critérios historicamente construídos e constantemente renegociados. Quando as transformações sociais redistribuem capitais, por exemplo, ao ampliar a autonomia feminina ou ao diversificar as expressões de gênero, muitos homens vivenciam essa mudança como perda de valor. Segundo Bourdieu (2026, p. 88):

> O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e conteúdos permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência [...], é, acima de tudo, uma carga.

A concepção de campo também ilumina a forma como a masculinidade opera por contraste. O habitus masculino se estrutura na oposição constante ao feminino. A virilidade funciona como "prova" permanente, exigindo que os homens comprovem continuamente seu pertencimento à posição dominante. Desse modo, como destaca Bourdieu (2026), a masculinidade precisa ser reafirmada o tempo todo, sob risco de ser perdida. No contexto digital contemporâneo, essa exigência incessante encontra na manosfera um ambiente onde essa posição dominante é reforçada.

Assim, a articulação entre habitus e campo permite compreender por que muitos homens, especialmente jovens, se sentem desestabilizados pelas transformações contemporâneas. O que está em jogo é a identidade e a posição social conferida por um sistema simbólico que, por séculos, atribuiu prestígio ao masculino (Bourdieu, 2026). Quando esse sistema se altera, o habitus lento, incorporado, orientado por esquemas duradouros não acompanha a rapidez das mudanças sociais.

## AS DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS DO FENÔMENO INCEL

Pesquisas empíricas têm documentado que homens que se identificam com comunidades *incel* apresentam, com frequência, indicadores significativos de sofrimento psíquico. Stijelja e Mishara (2023), em estudo sobre ideologia *incel* e saúde mental, identificaram altas prevalências autodeclaradas de depressão, ansiedade social grave e ideação suicida entre membros dessas comunidades.

Os dados empíricos sintetizados por Stijelja e Mishara (2023) ajudam a desenhar o perfil dos frequentadores de fóruns *incel*, como o *Incels.is*. A partir de um levantamento realizado nessa comunidade em outubro de 2019 (SergeantIncel, 2019, apud Stijelja; Mishara, 2023), constata-se que a totalidade dos usuários é masculina (100%), composta majoritariamente por jovens com menos de 30 anos (85,5%) e por adeptos da ideologia da *blackpill* (95%). A maior parte vive na Europa (45%) e na América do Norte (38%), e homens brancos representem o maior grupo individual (56%). Por fim, os indicadores de saúde mental revelam o seguinte quadro: 74% dos usuários relatam estresse e ansiedade, 59% depressão, 25% estão no espectro autista e 67,5% afirmam considerar o suicídio de forma séria caso suas condições não se alterem.

É fundamental, contudo, que esses dados sejam lidos com o enquadramento adequado, pois eles não indicam que depressão ou qualquer outra condição de saúde mental cause a adesão ao discurso *incel*, nem que características psicológicas individuais expliquem o fenômeno. O que a evidência sugere é que o isolamento social prolongado, a ausência de vínculos afetivos e a privação de espaços legítimos de expressão emocional ou de práticas de cuidado em saúde mental, condições estruturalmente produzidas pela

socialização masculina hegemônica, tornam determinados sujeitos mais vulneráveis ao recrutamento ideológico dessas comunidades (Sparks; Zidenberg; Olver, 2022).

Nesse contexto, um aspecto que tem chamado a atenção dos pesquisadores diz respeito à presença de características de neuroatipicidade entre participantes dessas comunidades. Revisões da literatura apontam sobrerrepresentação autodeclarada de pessoas com características do espectro autista em fóruns *incel* (Tirkkonen; Vespermann, 2023). A presença dessas características em alguns participantes não significa que a neuroatipicidade esteja associada, por si só, à adesão ao discurso *incel*, sendo necessário considerar as diferentes experiências sociais e individuais envolvidas nesse processo.

De acordo com Tirkkonen e Vespermann (2023), é importante considerar que pessoas neuroatípicas podem enfrentar dificuldades adicionais para estabelecer vínculos afetivos e lidar com determinadas convenções sociais. Em uma cultura que valoriza a masculinidade a partir do desempenho sexual e da capacidade de estabelecer relações amorosas, essas experiências podem contribuir para o isolamento social e aumentar a exposição a comunidades que oferecem explicações para essas frustrações.

A dificuldade de expressar o sofrimento é um dos principais fatores que agravam o adoecimento psíquico entre homens. A masculinidade hegemônica cria barreiras que dificultam o reconhecimento da dor e, consequentemente, o acesso à ajuda. Seidler (2006) observa que muitos homens internalizam a ideia de que pedir apoio emocional é sinal de fraqueza, o que contribui para o silêncio diante do sofrimento e para o agravamento de quadros depressivos, ansiosos e suicidas. Em um cenário em que a saúde mental ainda é marcada por estigmas, especialmente entre homens jovens, a ausência de espaços legítimos de escuta reforça o refúgio em comunidades digitais como a manosfera.

Diante dos pontos abordados ao longo do artigo, o papel da Psicologia é duplo: compreender e intervir. Compreender implica reconhecer o sofrimento como real e não como mera racionalização ideológica, sem legitimar os discursos que o distorcem em misoginia. A escuta clínica e comunitária deve ser ética e politicamente orientada e criar condições para que o sujeito possa expressar sua dor fora da lógica da manosfera. Isso envolve, como propõe Seidler (2006), abrir espaço para o reconhecimento da vulnerabilidade masculina, desatando a equivalência entre emoção e fraqueza. Essa atuação, contudo, deve ser sensível à heterogeneidade do fenômeno. A escuta direcionada

a um jovem em isolamento afetivo que se identifica com narrativas *incel* difere substancialmente das estratégias de "desradicalização" necessárias para indivíduos que endossam ou planejam violência. Confundir esses perfis representa tanto um erro clínico quanto um risco ético.

No campo preventivo, é crucial atuar por meio da educação socioemocional e da promoção de vínculos não violentos. Intervenções em escolas, universidades e espaços comunitários podem favorecer discussões sobre gênero, afetividade e masculinidade, oferecendo aos jovens outras narrativas possíveis de ser homem. Louro (1997) defende que a educação deve abrir possibilidades de existência, e não impor novos modelos normativos. Nesse sentido, promover a escuta e o diálogo pode prevenir a adesão a discursos extremistas, ao possibilitar que a frustração e a vergonha sejam abordadas coletivamente em vez de transformadas em ódio.

Além da clínica e da educação, há uma dimensão política da atuação psicológica que não pode ser ignorada. A misoginia e a radicalização digital são fenômenos sociais que exigem práticas de enfrentamento articuladas com políticas públicas de saúde mental e de equidade de gênero. A Psicologia, enquanto ciência e profissão, deve contribuir para o desenvolvimento de programas de prevenção à violência e formação de profissionais sensíveis às questões de masculinidade. Como enfatizam Banet-Weiser e Miltner (2016), compreender a misoginia em rede é compreender o funcionamento da cultura. Portanto, é também tarefa ética do psicólogo intervir sobre ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo *incel*, analisado ao longo deste estudo, revela-se como um sintoma social de uma masculinidade em colapso. O *incel* emerge como expressão de tensões estruturais que atravessam as masculinidades contemporâneas, especialmente em um contexto marcado por transformações nas relações de gênero e intensificação das dinâmicas digitais de socialização.

Ao situar o fenômeno no interior da machosfera, foi possível compreender como esses espaços funcionam como dispositivos de pertencimento e de radicalização. As comunidades digitais oferecem validação para homens que vivenciam frustrações

afetivas, mas o fazem a partir de narrativas que naturalizam hierarquias, deslocam o sofrimento para o ódio e reafirmam modelos hegemônicos de masculinidade.

A discussão sobre masculinidades na contemporaneidade evidenciou que a chamada "crise das masculinidades" representa uma instabilidade de um modelo historicamente sustentado por relações de dominação. A masculinidade hegemônica, ao exigir virilidade, força, controle emocional e sucesso sexual, produz sujeitos avaliados e, em grande medida, condenados à sensação de inadequação. Quando não conseguem corresponder a essas expectativas, muitos homens passam a interpretar essa experiência como uma incapacidade individual, sem reconhecer o peso das condições sociais nesse processo.

A incorporação da perspectiva bourdieusiana permitiu aprofundar essa análise ao evidenciar o desajuste entre habitus e campo que atravessa as masculinidades contemporâneas. A perda de capitais simbólicos antes associados automaticamente ao masculino desestabiliza disposições incorporadas ao longo da socialização, produzindo sentimentos de ameaça identitária.

A ideologia *incel*, estruturada em torno de conceitos como *lookism*, hipergamia e *blackpill*, opera uma leitura fatalista das relações afetivo-sexuais. Do ponto de vista psicossocial, o fenômeno evidencia os limites de uma socialização masculina que desautoriza a vulnerabilidade e restringe a expressão emocional. A dificuldade de reconhecer a própria dor, somada ao estigma em torno da busca por ajuda, contribui para o isolamento psíquico e para o agravamento do sofrimento.

Do ponto de vista de suas contribuições, este estudo busca complementar e informar o debate teórico sobre o fenômeno *incel*. Ao integrar e analisar os referenciais teóricos consolidados, o artigo oferece auxílio para compreender as trajetórias de subjetivação e as dinâmicas de masculinidade de forma mais situada, com camadas de análise às discussões consolidadas na literatura.

No que diz respeito à prática clínica, torna-se importante fortalecer práticas que permitam compreender os fatores sociais e subjetivos envolvidos na adesão de homens a discursos misóginos radicais, sem desconsiderar a responsabilização por suas atitudes e comportamentos. Portanto, a formação dos profissionais de saúde mental precisa contemplar de forma aprofundada as relações entre masculinidades, gênero e violência,

de modo que essas questões também sejam consideradas na compreensão e no atendimento clínico desses homens.

Para além do contexto clínico, as políticas públicas também podem contribuir para a prevenção da radicalização digital, especialmente por meio de ações voltadas a adolescentes e jovens do sexo masculino. Nas escolas, esse trabalho pode envolver atividades de educação midiática e desenvolvimento socioemocional, além de discussões sobre os discursos da manosfera e as formas como esses conteúdos atraem e influenciam os jovens.

Por fim, do ponto de vista teórico, pesquisas futuras deveriam examinar com maior rigor a interseccionalidade no interior do fenômeno *incel*, investigando como marcadores de raça e classe modulam a experiência do ressentimento e a adesão a diferentes camadas da ideologia, da vitimização passiva à radicalização violenta, dimensão que este estudo, por seu caráter introdutório, não pôde explorar com a profundidade que o tema exige.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANET-WEISER, Sarah; MILTNER, Kate. #MasculinitySoFragile: Culture, structure, and networked misogyny. **Feminist Media Studies**, Londres, v. 16, n. 1, p. 171–174, 2016.

BBC NEWS. Elliot Rodger is Isla Vista drive-by killer - US police. **BBC**, [*s. l.*], 24 maio 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-us-canada-27562917. Acesso em: 12 out. 2025.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Difel, 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Boletim Epidemiológico**. Brasília: Ministério da Saúde, v. 55, n. 6, 6 fev. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-06/view. Acesso em: 4 nov. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829–859, 2005.

FERNANDES, J. H. C.; LUCAS, E. R. de O.; SAMPAIO, R. B. **A ciência da informação encontra Pierre Bourdieu**: parte 01 – o pensamento de Bourdieu à luz da análise de redes sociais. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **20º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2026**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/fbsp/305. Acesso em: 4 nov. 2026.

GILL, Rosalind. Post-postfeminism? New feminist visibilities in postfeminist times. **Feminist Media Studies**, v. 16, n. 4, p. 610–630, 2016.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638–657, 2019.

HOFFMAN, Bruce; WARE, Jacob; SHAPIRO, Madeleine. Estimating the Magnitude of the Incel Threat. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 43, n. 12, p. 1023–1044, 2020.

JAKI, Sylvia *et al.* Online hatred: Ushering in a new era of misogyny through the Incel community. **Journal of Language Aggression and Conflict**, v. 7, n. 2, p. 153-180, 2019.

KIMMEL, Michael. **Angry White Men**: American Masculinity at the End of an Era. New York: Nation Books, 2013.

KIMMEL, Michael. **Manhood in America**: a cultural history. New York: The Free Press, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. **Media manipulation and disinformation online**. New York: Data & Society Research Institute, 2017.

MATRIX. Direção: Lana Wachowski; Lilly Wachowski. EUA: Warner Bros., 1999.

MENZIE, Lauren. Stacys, Beckys, and Chads: the construction of femininity and hegemonic masculinity within incel rhetoric. **Psychology & Sexuality**, [*s. l.*], v. 13, n. 1, p. 69-85, 2022. DOI: https://doi.org/10.1080/19419899.2020.1806915.

RODGER, Elliot. **My Twisted World**: the story of Elliot Rodger. [*S. l.*: *s. n.*], 2014. Disponível em: https://www.documentcloud.org/documents/1173808-elliot-rodger-manifesto. Acesso em: 10 out. 2025.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007.

SEIDLER, Victor J. **Masculinities, bodies, and emotional life**. London: Palgrave Macmillan, 2006.

SILVA, S. G. D. A. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 20, n. 3, p. 8–15, set. 2000.

SPARKS, Brandon; ZIDENBERG, Alexandra M.; OLVER, Mark E. Involuntary celibacy: A review of incel ideology. **Current Psychology**, v. 42, n. 32, p. 28014-28028, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s12144-022-02979-1.

STIJELJA, S.; MISHARA, B. L. Psychosocial Characteristics of Involuntary Celibates (Incels): A Review of Empirical Research and Assessment of the Potential Implications of Research on Adult Virginity and Late Sexual Onset. **Sexuality & Culture**, [*s. l.*], v. 27, n. 3, p. 715–734, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s12119-022-10031-5.

TIRKKONEN, S. K.; VESPERMANN, D. Incels, autism, and hopelessness: affective incorporation of online interaction as a challenge for phenomenological psychopathology. **Frontiers in Psychology**, [*s. l.*], v. 14, p. 1-13, 2023. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1235929.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. *In*: FERREIRA, Larissa (org.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.